

RICARDO MORAIS & ANA SOFIA PAIVA

ricardo.morais@labcom.ubi.pt / anapaiva@fcs.unl.pt

LabCom - Universidade da Beira Interior (Portugal) /

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

AS SONORIDADES E O APELO À MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS PAISAGENS SONORAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

RESUMO

A pandemia que marca o ano de 2020 introduziu mudanças significativas em todo o mundo, sendo a obrigatoriedade de confinamento uma das que mais alterou os hábitos de vida dos cidadãos. O impedimento de circular livremente transformou grande parte das rotinas e conferiu, ao mesmo tempo, um novo sentido a um conjunto de elementos, visuais e sonoros, que passaram a representar uma possibilidade de relembrar momentos vividos. Neste trabalho procura-se refletir sobre a capacidade que o som tem de funcionar enquanto criador de memórias, capturando, em determinados momentos, paisagens e atmosferas sonoras que podem ser recuperadas mais tarde. Neste contexto é fundamental considerar o papel dos repositórios, mas também de um conjunto de projetos e experiências enquanto espaços de preservação das memórias sonoras. Assim, o propósito deste estudo exploratório é realizar um levantamento das iniciativas que têm trabalhado no sentido de criar uma herança sonora.

PALAVRAS-CHAVE

memória; paisagens sonoras; identidade; repositórios; pandemia

A IMPORTÂNCIA DO SOM NA CRIAÇÃO E ACESSO ÀS MEMÓRIAS

No contexto do confinamento, as rotinas transformaram-se, bem como grande parte das experiências sonoras. Foi sobretudo ao nível da paisagem sonora das cidades que o impacto da pandemia mais se fez notar, com uma redução do ruído e um acesso privilegiado a uma nova ecologia acústica (Romero, 2020). Durante este período, em que grande parte da sociedade foi obrigada a parar, os arquivos de memórias ganharam relevância porque possibilitaram o regresso a espaços e lugares já visitados, em suma, viabilizaram o acesso às memórias mais profundas.

Neste trabalho procuramos refletir precisamente sobre os conteúdos sonoros, considerando todo o seu potencial para criar e aceder a memórias. A proposta do estudo é a de realizar uma compilação não exaustiva dos projetos que têm procurado aceder a um conjunto de gravações de paisagens sonoras, como forma de preservar determinada memória e impedir que os sons definidores das identidades das gentes e dos lugares caiam em esquecimento.

Para a reflexão que pretendemos empreender, é necessário considerar, desde logo, o papel do som e o modo como este tem sido utilizado para criar determinadas ligações. Para van Dijck e Bijsterveld (2009), “nas últimas décadas, a importância do som para lembrar e criar um sentimento de pertença tem sido cada vez mais reconhecida” (p. 11). Contudo, nem sempre as memórias sonoras são gravações, mas sim músicas, como é demonstrado na obra *Sound souvenirs: audio technologies, memory and cultural practices*, onde os autores destacam precisamente o papel das músicas na criação de lembranças sonoras (*sound souvenirs*), pois permitem estabelecer uma conexão com determinadas vivências. Assim, reconhecem que é menos comum o acesso às memórias com outro tipo de sonoridades (van Dijck & Bijsterveld, 2009, p. 13) e esta dificuldade é intrigante, mas não pode ser dissociada do facto de não guardarmos registos sonoros de grande parte das experiências vividas ou de ter acesso aos mesmos da mesma maneira que é possível ter em relação às músicas.

Neste sentido, importa lembrar, na linha de R. Murray Schafer, que o estudo das paisagens sonoras se situa no cruzamento das áreas da ciência, da sociedade e das artes (1977/1993). Esta interseção é relevante pelo facto de cada uma das áreas contribuir para a reflexão que pretendemos fazer sobre a importância do som na criação e acesso às memórias. Gostaríamos, ainda assim, de destacar o papel da sociedade, na medida em que é através desta, considera o autor, que “aprenderemos como o homem se comporta com os sons e como os sons afetam e mudam o seu comportamento” (Schafer, 1977/1993, p. 4). A mudança no comportamento do ser humano em tempos de pandemia, passando a conferir maior atenção às paisagens sonoras, é precisamente a dimensão que nos interessa destacar neste trabalho, porque é a partir dela que podemos pensar no som enquanto registo que permite criar e aceder a memórias.

Este acesso às memórias através do som é importante sobretudo porque “a criação e o compartilhamento da memória têm sido cada vez mais desafiados” (de Nardi, Orange, High & Koskinen-Koivisto, 2019, p. 46). No entanto, apesar da importância das memórias, a sua preservação

tem sido descurada e são ainda poucas as políticas que apontam no sentido de criar arquivos e repositórios capazes de garantir a preservação das memórias sonoras, como veremos no ponto seguinte.

DA IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO SONORA À CRIAÇÃO DE UM ARQUIVO NACIONAL SONORO

Nos últimos anos, o interesse no campo dos estudos sonoros tem crescido, sobretudo no campo académico. Mas este interesse por parte dos investigadores não tem sido acompanhado, na mesma medida, pelas instituições públicas. No caso português, foi necessário esperar quase 40 anos para que os primeiros passos fossem dados no sentido de criar um Arquivo Nacional de Som. O plano de ação, apresentado em 2019, resultado de uma parceria entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, reconhece o atraso do país a nível europeu e revela os objetivos para o futuro deste projeto. A equipa, liderada pelo etnomusicólogo Pedro Félix, tem, no entanto, um longo caminho pela frente, que passará necessariamente pela identificação das instituições e projetos que têm trabalhado neste sentido e que podem constituir importantes parceiros.

Neste contexto, em que o património sonoro começa a merecer atenção por parte das instituições públicas, importa também destacar a mensagem da Diretora Geral da Unesco, nas comemorações do Dia Mundial da Herança Audiovisual¹. Nas declarações publicadas a 29 de outubro de 2019, Audrey Azoulay realçou o trabalho desenvolvido no âmbito do projeto “Digitizing Our Shared UNESCO History”, que conta com milhares de registos sonoros, videográficos e fotográficos. Para a Diretora Geral da UNESCO, o material que constitui o arquivo é fundamental para que os cidadãos se “conectem com a história e entendam aquilo que somos hoje” e lembrou ainda que é destes registos que depende a capacidade de os conhecimentos e as lições do passado serem transmitidas às gerações futuras.

PROJETOS, REPOSITÓRIOS E EXPERIÊNCIAS DE PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS SONORAS: UM LEVANTAMENTO EXPLORATÓRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nesta secção vamos debruçar-nos sobre os projetos e experiências que integram a nossa pesquisa exploratória. Como referimos no início do

¹ A mensagem completa de Audrey Azoulay, Diretora Geral da UNESCO está disponível em <https://en.unesco.org/commemorations/worldaudiovisualday>

trabalho, o levantamento realizado não é exaustivo, devendo ser entendido como um primeiro contributo no mapeamento das iniciativas que, funcionando como projetos ou repositórios, públicos ou privados, procuram criar arquivos sonoros e assim contribuir para a construção e preservação de memórias sonoras.

O primeiro projeto que considerámos relevante é o “SOMA – Sons e Memórias de Aveiro”², que arrancou em agosto de 2018, e é promovido pelo Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança, mais concretamente pelo polo que desenvolve a sua atividade no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. É cofinanciado pela União Europeia, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e é um projeto orientado para a recolha cidadina. Para além da vertente mais académica do projeto, a principal aposta da equipa de investigação está na criação de um repositório que pretende ser mais que um arquivo, sendo o principal intuito promover uma ligação com a comunidade. Por fim, cabe destacar que este projeto surge em linha com a preservação da herança sonora defendida pela Unesco, numa estratégia que passa pela salvaguarda do património imaterial da Humanidade.

A segunda iniciativa diz respeito ao trabalho de Luís Antero, paisagista sonoro que desde 2008 tem vindo a desenvolver um importante trabalho de “recolha e documentação do património acústico de várias zonas do território nacional”. As suas inúmeras gravações sonoras estão disponíveis no site e em diferentes plataformas³ e, não tendo feito nenhuma recolha particular dedicada à pandemia, o paisagista continuou com os seus trabalhos no Estado de Emergência, com o objetivo de garantir o registo e a preservação do património imaterial da zona interior do país.

Entre os projetos que identificamos como repositórios de sons registados durante a pandemia, começamos por destacar aqueles que foram realizados fora do país. A nossa primeira referência vai para o projeto “Fonotropica”⁴, uma vez que este se apresenta como o “primeiro acervo digital acústico de uma universidade pública brasileira construído com input de ciência cidadã, além de dados obtidos por especialistas em campo”. Desenvolvido na Universidade Federal da Bahia, o projeto ganhou uma nova vertente durante a pandemia com o projeto “Bioacústica em tempos de

2 Site do projeto “SOMA”: <http://soma.web.ua.pt>

3 Grande parte das gravações sonoras realizadas por Luís Antero estão disponíveis no seu site, bem como noutras plataformas <http://luisantero.yolasite.com> / www.luisantero.bandcamp.com.

4 Site do projeto “Fonotropica”: <http://fonotropica.ufba.br>

coronavírus”. Fazendo apelo à participação dos cidadãos, através da gravação de sons a partir das janelas das suas casas, o projeto procurou analisar o modo como se transformaram as paisagens sonoras das cidades. Durante o período inicial de recolha, que se iniciou a 19 de março e se prolongou até 17 de abril de 2020, os investigadores receberam gravações de localidades em vários estados como Mato Grosso do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia.

É também no Brasil que encontramos uma campanha muito particular, lançada pela ProAcústica, Associação Brasileira para a Qualidade Acústica⁵. Como forma de assinalar o Dia Internacional da Conscientização sobre o Ruído, a 29 de abril de 2020, a Associação promoveu a campanha “#SonsQueAmo”, com o objetivo de “causar uma reação positiva da sociedade como forma de expressão de liberdade frente à imobilidade e ao silêncio”. Preocupada com o impacto do ruído na sociedade, a ProAcústica continua com a campanha até outubro de 2020, seguindo um conjunto de iniciativas organizadas pela *International Commission for Acoustic* (ICA).

Outra das iniciativas que merece destaque é o projeto colaborativo “Cities and Memory”, criado por Stuart Fowkes a partir de Oxford, no Reino Unido. Enquanto iniciativa global, o projeto regista num mapa sonoro dois tipos de sons, “a gravação de campo original (...) e um som reimaginado do mesmo local”. A ideia é que os ouvintes explorem os lugares através dos seus sons originais, mas também a partir de novas versões do que poderiam ser esses locais. No site do projeto⁶, durante a pandemia, foi criada uma nova coleção intitulada “#StayHomeSounds” que procurou “dar conta das mudanças em termos de perspetiva sonora”, uma vez que o novo coronavírus transformou as paisagens sonoras.

No contexto nacional, o projeto “Audire. Audio Repositório: guardar memórias sonoras”, desenvolvido no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho e financiado pelo programa Operacional de Competitividade e Internacionalização e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, é um dos que merece destaque no contexto do levantamento realizado pelo facto de, entre outros objetivos, pretender “construir um repositório de conteúdos sonoros em acesso aberto”. No processo de “criação de modos inovadores de preservar a memória sonora”, o projeto lançou a iniciativa “Sons da distância”, desafiando as pessoas a responder às questões: “Que sons se tornaram mais audíveis? O que é que passámos

5 Site do Associação ProAcústica: <http://www.proacustica.org.br/proacustica-associacao-brasileira-para-a-qualidade-acustica.html>

6 Site do projeto “Cities and Memory”: <https://citiesandmemory.com>

a escutar melhor num tempo em que desacelerou o movimento social?”. Desta forma, os investigadores procuraram “escutar os efeitos acústicos da quarentena de contenção da COVID-19”, tendo concluído, com os registos recebidos, que se verificava um “certo consenso sonoro em torno dos sons das paisagens naturais, do eco das cidades vazias e da percussão dos ambientes domésticos”⁷. No seguimento desta iniciativa, o projeto promoveu ainda uma oficina de criação sonora online, bem como o encontro “Escutar, Sentir, Guardar. Experiência Sonora e Ecologia Acústica”, ambas realizadas em julho de 2020.

No levantamento realizado identificámos também o projeto “Sounds of Tourism”, desenvolvido na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coordenado por Iñigo Sánchez. O projeto tem como objetivo avaliar o som criado pela massificação do turismo, mas, com a consequente diminuição devido à pandemia, os investigadores lançaram um conjunto de “postais sonoros”⁸ de algumas das principais atrações turísticas de Lisboa, em jeito de memória sonora de uma cidade sem turistas, de modo a refletir sobre os efeitos e impactos desta mudança num setor tão importante para o país.

No Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) também foi criada uma iniciativa nesta vertente, a “Confinaria – Etnografias em Tempos de Pandemia”⁹, um blogue para “partilha de reflexões e experiências sobre os tempos vividos (...) e que servirão para memória futura e apreciação retrospectiva destes tempos excecionais”. No âmbito do blogue destacam-se, por exemplo, os “Áudio-confinamentos”, episódios constituídos por gravações que o investigador do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) Filipe Reis reuniu depois de ter desafiado um conjunto de amigos. No blogue identificámos também a experiência etnográfica sonora “Um itinerário na vida de apartamento”, realizado por Rafael F. A. Bezzon (UNESP), e que promove uma recolha centrada nos sons do confinamento no espaço doméstico.

Mais recentemente, um conjunto de investigadores do Instituto de História Contemporânea (IHC) lançou, no âmbito do Laboratório de Humanidades Digitais da NOVA FCSH, o projeto “Memória COVID”¹⁰ que “pretende documentar a pandemia em curso para memória futura”. Do

7 Todas as iniciativas já realizadas, bem como os registos já recolhidos estão disponíveis no site do projeto, em <http://www.audire.pt>

8 Os postais sonoros estão disponíveis no site em <http://www.soundsoftourism.pt/soundpostcards/>

9 Blogue do projeto “Confinaria”: <https://confinaria.hypotheses.org/>

10 Site do projeto “Memória COVID”: <https://projetos.dhlab.fch.unl.pt/s/memoriacovid/page/projeto>

arquivo que os investigadores se encontram a construir fazem parte, também, testemunhos sonoros, tendo em contas as diferentes dimensões, que vão “do espaço privado ao espaço público, da quarentena ao desconfinamento, da doença à cura”.

Para encerrar o levantamento realizado, destacamos duas iniciativas com origem na Universidade da Beira Interior (UBI). A primeira surge no âmbito do projeto de doutoramento em Media Artes do investigador Tiago Fernandes, intitulado “Escutar as paisagens: experiências sensoriais subjetivas e ressignificadas”. No seguimento de algumas experiências já realizadas durante o período de confinamento, o investigador captou paisagens sonoras na cidade da Covilhã e criou uma instalação virtual e interativa a partir desses sons, mas também de imagens. A instalação “Entre Tempos” pretendeu colocar “o espectador no centro de um emaranhado de sons”, proporcionando “uma experiência sensorial singular”.

Por fim, a última experiência que identificámos foi realizada pelos alunos finalistas do curso de Ciências da Cultura da Universidade da Beira Interior. A iniciativa “#ElasAoSomDaFábrica” procurou “resgatar memórias materiais e imateriais das mulheres operárias fabris na indústria de lanifícios da Covilhã e região que circunda a Serra da Estrela”. O evento promovido durante o período de confinamento decorreu em formato digital e foi transmitido por uma rádio local, e contou com a colaboração da candidatura da Guarda a Capital Europeia da Cultura, do Museu de Lanifícios e da Coolabora.

Neste primeiro levantamento não exaustivo que realizámos, identificámos este conjunto de iniciativas que apresentam, a nosso ver, pontos comuns e constituem projetos a considerar no estudo da relação entre o som e a memória em tempos de pandemia.

REFLEXÕES FINAIS

Quando iniciámos este estudo estávamos conscientes de que as mudanças provocadas pela pandemia tinham despertado o interesse de investigadores das mais variadas áreas. No campo dos estudos do som, o confinamento, que limitou o movimento dos cidadãos, foi depressa notado como aspeto transformador das paisagens sonoras das cidades. A ausência dos tradicionais sons citadinos abriu espaço para o ato de escutar, que vários projetos procuraram explorar, fazendo apelos ao envio de gravações por parte dos cidadãos. Neste estudo efetuámos um levantamento de alguns desses projetos e iniciativas e destacamos o modo como, apesar de diferentes, existem dimensões em que as várias experiências se cruzam.

A primeira consideração que destacamos está relacionada com a natureza colaborativa de praticamente todos os projetos. O apelo que é feito à participação dos cidadãos revela como a colaboração é importante para a construção de arquivos, neste caso, sonoros. Só desta forma será possível aceder a um conjunto de experiências individuais, que constituem um contributo único na construção de uma base de dados sonora. Este apelo ao envolvimento dos cidadãos remete-nos também para a importância de criar ligações entre os vários projetos, na medida em que é fundamental que todos tenham conhecimento do trabalho que está a ser realizado, para que em conjunto se possa avançar nesta área de estudos.

O objetivo deste estudo era também o de refletir sobre a importância do som na criação e acesso às memórias, daí a relevância de criar arquivos sonoros que ajudem não apenas a manter viva a história, cultura e identidade, mas também a funcionarem enquanto “lugares/espacos de memória” a que podemos voltar em momentos extraordinários como aquele que vivemos. É precisamente nesta dimensão que verificamos que existem também pontos de contacto entre os vários projetos identificados, uma vez que a preservação da identidade é comum a várias das iniciativas, mas sobretudo porque os registos que têm sido solicitados aos cidadãos procuram a criação desses “lugares de memória”.

A terceira e última reflexão está relacionada com o facto de a globalização ter transformado, de forma profunda, as noções de tempo e espaço, sendo essa mudança um dos maiores sinais da importância da preservação das experiências, sobretudo as sonoras, muitas vezes consideradas apenas como um apêndice dos conteúdos visuais. Sem esses registos e arquivos não é possível ter acesso às experiências na sua plenitude, uma vez que apesar de vivermos numa sociedade dominada pelos conteúdos visuais, sem o som não poderemos imergir verdadeiramente nessas memórias.

REFERÊNCIAS

- de Nardi, S., Orange, H., High, S. & Koskinen-Koivisto E. (2019) (Eds.) *The Routledge handbook of memory and place*. New York: Routledge.
- Meneguello, C. (2017). Das ruas para os museus: a paisagem sonora como memória, registo e criação. *MÉTIS: História & Cultura*, 16(32), 22-42. <https://doi.org/10.18226/22362762.v16.n.32.01>

- Romero, L. (2020, 1 de junho). En tiempos de distancia, lo sonoro nos sigue tocando. Sulponticello. Retirado de https://sulponticello.com/iii-epoca/en-tiempos-de-distancia-lo-sonoro-nos-sigue-tocando/?fbclid=IwARodfvmTAgJ2-BYuXDB7BLO2KbB8MKjOSsdEBBz2SZ1BonDQxDyLmDXq_eY
- Schafer, R. M. (1977/1993). *Our sonic environment and the soundscape. The tuning of the World*. Vermont: Destiny Books
- van Dijck, J. & Bijsterveld, K. (2009) (Ed.). *Sound souvenirs. Audio technologies, memory and cultural practices*. Amesterdão: Amsterdam University Press.

Citação:

Morais, R. & Paiva, A.S. (2020). As sonoridades e o apelo à memória: uma reflexão sobre a importância das paisagens sonoras em tempos de pandemia. In M. Oliveira, A. Sá & P. Portela (Eds.), *Escutar. Sentir. Guardar - Atas do I Encontro Online Audire* (pp. 89-97). Braga: CECS.